



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8667753>

Artigo de Revisão

As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero

*Women in the Brazilian Football Universe:
recovering gender*

*Las mujeres en el universo del fútbol brasileño:
rescate de género*

Mariane da Silva Pisani¹ 

Claudia Samuel Kessler² 

RESUMO

Objetivo: O presente artigo analisa questões relativas ao conceito de Gênero (e suas relações) na intersecção com a prática futebolística. **Método:** Para realizar a discussão utilizaremos duas importantes obras da Antropologia dos Esportes. A primeira obra é a clássica coletânea organizada pelo antropólogo Roberto Damatta e publicada no começo da década de 1980: "O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira". Já a segunda obra, "As mulheres no universo do futebol brasileiro", lançada no de 2020, traz em seu título uma alusão à primeira coletânea, mas trazendo a presença e participação das mulheres no futebol. **Considerações finais:** Apresentaremos a discussão sobre o conceito de gênero e suas relações com o futebol a partir de uma perspectiva pós-estruturalista na qual as noções de gênero, feminino e mulher, são postas em debate a fim de evidenciar os fazeres que se contrapõem à lógica androcêntrica tão presente no universo do futebol.

Palavras-chave: Antropologia. Futebol. Mulheres.

¹ Universidade Federal do Tocantins, Curso de Ciências Sociais, Tocantinópolis, TO, Brasil.

² Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, Brasil.

Correspondência:

Mariane da Silva Pisani. Universidade Federal do Tocantins, Av. Nossa Sra. de Fátima, 1104-1196, Centro, Tocantinópolis – TO, CEP 77900-000. Email: marianepisani@gmail.com



ABSTRACT

Objective: The present article analyzes the analytical concept of Gender (and its relations) at the intersection with football practice. **Method:** In order to conduct the discussion we will use two important books of Sport's Anthropology. The first one is the classic book collection edited by the anthropologist Roberto Damatta and published in the beginning of the 1980's: "O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira". The second one, "As mulheres no universo do futebol brasileiro", was released in 2020, and brings in its title an allusion to the first book but bringing the presence and participation of women on football. **Final considerations:** We will present the discussion about the concept of gender and its relations with football from a post-structuralist perspective in which the notions of gender, feminine and woman are put under debate in order to highlight the actions that oppose the androcentric logic so present in the football universe.

Keywords: Sports. Football. Women.

RESUMEN

Objetivo: El presente artículo analiza el concepto analítico de género (y sus relaciones) en la intersección con la práctica del fútbol. **Método:** Para llevar a cabo la discusión utilizaremos dos importantes obras de Antropología del Deporte. La primera es la clásica compilación organizada por el antropólogo Roberto Damatta y publicada a principios de la década de 1980: "O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira". El segundo, "As mulheres no universo do futebol brasileiro", fue lanzado en 2020, y trae en su título una alusión al primer libro, pero trae las mujeres en el fútbol. **Consideraciones finales:** Presentaremos la discusión sobre el concepto de género y sus relaciones con el fútbol desde una perspectiva post-estructuralista en que las nociones de género, femenino y mujer son puestas en debate para destacar las acciones que se oponen a la lógica androcéntrica tan presente en el universo del fútbol.

Palabras Clave: Deportes. Fútbol. Mujeres.

INTRODUÇÃO

No ano de 2022 completamos 40 anos desde que a obra *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira* foi publicada no Brasil. A coletânea, capitaneada pelo antropólogo brasileiro Roberto DaMatta, é considerada por muitos(as) pesquisadores(as) da área das Ciências Sociais como marco inaugural para o surgimento do campo acadêmico que pode ser chamado Antropologia das Práticas Esportivas (TOLEDO, COSTA, 2009) ou Antropologia dos Esportes (ROJO, 2019). A chamada para contribuições neste dossiê da Revista Conexões deixa evidente:

Este volume é considerado até hoje com o pontapé inicial dos estudos antropológicos sobre o esporte no Brasil, bem como em outros países da região. [...] É com base nisso que este dossiê temático busca promover e reativar um conjunto de reflexões que permite analisar este trabalho originário em questão, sobre a relação entre esporte e sociedade, assim como as diferentes leituras que foram feitas ao longo dos anos em diferentes países da América Latina (LEVORATTI, 2021)

É inegável que a coletânea organizada por DaMatta (1982) deve ser referendada como um dos trabalhos seminais desde a origem da área de pesquisa. O livro foi escrito por quatro pessoas, as poucas sobre as quais Damatta sabia que trabalhavam com a temática. À época, o futebol era visto como temática marginal, em parte devido às influências do pensamento marxista que entendia o esporte como "ópio do povo", alienante, afastando reflexões sobre temáticas que seriam mais importantes, tais como o modo de produção capitalista e a exploração da classe proletária pela classe dominante. DaMatta tem seus méritos em viabilizar a coletânea, contudo, é preciso lembrar que este não foi - de fato - o primeiro trabalho antropológico sobre esportes (ou mesmo sobre futebol) publicado em território nacional.

No ano de 1977, ou seja, cinco anos antes da publicação do livro em questão, a antropóloga Simoni Lahud Guedes - à época aluna no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - apresentou e defendeu sua dissertação de mestrado em Antropologia Social intitulada *O Futebol Brasileiro - instituição zero*. Não por acaso, Simoni Lahud Guedes integra a coletânea de DaMatta apresentando um capítulo da sua dissertação. A pesquisa e a importância de Guedes para a produção antropológica, sobretudo no que diz respeito aos estudos do futebol, precisam ser destacadas. Nesse mesmo sentido o antropólogo Pablo Alabarces analisa:

[...] La grand novedad de su trabajo, en el contexto del volumen de DaMatta es que es el único basado en análisis empírico y precisamente etnográfico, a partir de su trabajo de campo con obreros fabriles en los suburbios cariocas. De ese modo, las tesis de DaMatta adquieren base empírica, con sujetos sociales concretos que revelan el juego complejo de significados que el fútbol permite

discutir, y muy especialmente entre las clases populares (ALABARCES, 2021, p. 105).

É de Guedes a principal contribuição empírica e etnográfica para questões que pairavam ainda no mundo das ideias. Simoni Lahud Guedes é, acertadamente, referenciada como a matriarca da Antropologia dos Esportes no Brasil (ROJO, 2019). Além de Rojo (2019), ela é assim reconhecida também por Pacheco e Pisani (2020), por que:

[...] a trajetória de Simoni Lahud Guedes é sublinhada pelas características de inovação, construção e coesão coletiva, ampliação de fronteiras acadêmicas e de uma preocupação com a metodologia comparada para compreender os fenômenos esportivos. Essas características fazem dela a "matriarca" da Antropologia dos Esportes no Brasil e além (PACHECO, PISANI, 2020, p. 17)

Simoni Guedes foi aluna, orientanda, colega e coautora junto com Roberto Damatta. Sua pesquisa não se restringiu apenas à etnografia de cerca de um ano com um time de futebol de operários de fábrica têxtil do Rio de Janeiro, mais especificamente do bairro periférico de Bangu. Foram mais de 40 anos de produção acadêmica, dialogando com autores clássicos da Antropologia e refletindo não apenas sobre futebol, mas também sobre identidade nacional, o espaço urbano e as masculinidades.

O que se pretende neste artigo é não apenas ressaltar a importância da coletânea de DaMatta, mas chamar a atenção para a possibilidade de (re)contar o universo do futebol brasileiro a partir de uma outra perspectiva, que inclua gênero, ou mais especificamente o "feminino", as mulheres e seus fazeres. Atentamos que a noção de feminilidade aqui empregada tem suporte no pós-estruturalismo e na Teoria Queer, o que explicaremos a seguir.

APORTES TEÓRICOS

A partir da teoria pós-estruturalista, tendo como referencial autores(as) que trabalham com a Teoria Queer, entendemos que o futebol pode ser repensado a partir de um distanciamento da lógica androcêntrica, ao enfatizar questões referentes à pluralidade do que se pode entender como feminino e ao protagonismo de mulheres. Embora a Teoria Queer ganhe força mais marcadamente nos anos 1990, com os escritos da italiana Teresa de Lauretis, pode-se entender que seu estabelecimento se deve também às influências acadêmicas dos Estudos Culturais norte-americanos e do pós-estruturalismo francês (MISKOLCI, 2009). Em relação aos movimentos que previamente influenciaram no contexto sociohistórico, não se pode negar os efeitos das políticas identitárias defendidas pelo movimento negro, o homossexual e o feminista. Tais movimentos auxiliaram a visibilizar as demandas de grupos que antes eram sufocados por um contexto de muitas repressões e preconceitos.

Entendemos, portanto, que: "Os estudos 'queer' sublinham a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea, dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença" (MISKOLCI, 2009, p. 154). Essa teoria, portanto, passa a ser cada vez mais referenciada devido ao seu potencial de denúncia dos silêncios e da invisibilização dos saberes dominantes. Estes saberes atuam na vida dos sujeitos, tais como aqueles que se referem ao androcentrismo, ao capitalismo e à heteronormatividade.

Uma das teóricas mais reconhecidas da Teoria Queer é a filósofa Judith Butler (2010), a qual contesta o discurso hegemônico essencialista e baseado naquilo que Adrienne Rich denominou como "heterossexualidade compulsória", que pode ser entendida como "[...] uma instituição política que retira o poder das mulheres [...]" (RICH, 2010, p. 19). Butler (2010) confere visibilidade e força política a grupos sociais minoritários, deslegitimando o sujeito universal, tanto masculino como heterossexual (figura que se pode associar muito ao imaginário constitutivo do futebol no Brasil).

Embora o esporte ainda esteja organizado de maneira dicotômica nas categorias "masculino" ou "feminino", instituindo diferenças sexuais como se fossem marcas existentes nos sujeitos *a priori*, a Teoria Queer auxilia a pensar o quanto esse binarismo é construído a partir de tecnologias sociais (LAURENTIS, 1994) que se referem a discursos, a comportamentos e relações sociais que são cultural e historicamente instituídos. Percebemos que as consequências dessa separação se desdobram em questões históricas que prejudicam a valorização da profissional futebolista; da mesma forma essa separação binária está presente na organização de competições e no fomento da prática esportiva por jovens iniciantes. Podemos elencar mais um exemplo atual dos reflexos das desigualdades entre o futebol de homens e mulheres. A pesquisa de Vieira (2021) identificou que durante o período da pandemia COVID-19 algumas equipes de mulheres ficaram sem receber as verbas destinadas para auxiliar as atletas, acentuando dessa forma as precariedades do futebol de mulheres.

Quando se pensa em uma alternativa para reverter as precariedades vivenciadas por mulheres esportistas, como por exemplo, as competições mistas, deve-se perceber que elas ainda são poucas, principalmente quando se trata do futebol, que é um esporte de contato. São também comuns as manifestações públicas contrárias a mulheres que apresentem corpos fortes ou mais afastados do senso comum sobre feminilidade, tal como no fisiculturismo (JAEGER, GOELLNER, 2011). Percebe-se, portanto, que ao analisar os sujeitos, podemos ir além das diferenças sexuais (baseadas na biologia, socialização, significação ou efeitos discursivos) e identificar "[...] um sujeito 'engendrado' não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido" (LAURETIS, 1994, p. 208).

Para uma análise esportiva mais atual, é imprescindível atentar àquilo que se tem chamado de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019). Neste sentido, a sexualidade e o gênero se tornam questões imprescindíveis para o entendimento dos sujeitos e das relações de poder, assim como são importantes raça/etnia, classe e idade. Aqui, com atenção ao gênero, podemos entender que a superação da dicotomia ainda causa incômodo e pouco se sabe como tornar oficial um borramento de fronteiras que já é visível nos corpos dos sujeitos que realizam práticas esportivas, sejam elas competitivas ou amadoras.

Para um olhar desatento, pode parecer que o conceito de interseccionalidade está muito distante da popularidade do futebol. Cabe ressaltar, contudo, que este conceito não só pode, como deve ser utilizado para pensar e problematizar as práticas esportivas. Como nos falam Patricia Hill Collins e Sirma Bilge:

[...] O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica para examinar a Copa do Mundo da FIFA mostra como as relações de poder de raça, gênero, nação e sexualidade organizam esse esporte em particular, assim como os esportes de maneira geral (COLLINS, BILGE, 2021, p. 19).

Ainda nesse mesmo sentido, podemos também pensar que na arena esportiva os corpos de pessoas trans e intersexo passam por regulações que envolvem o estabelecimento de parâmetros para o que pode ser considerado como "normal" ou "anormal". Conforme Lessa e Votre (2013), as fronteiras do gênero são rompidas tanto pela tecnofabricação de corpos produzidos com hormônios sintéticos como pela realização de procedimentos cirúrgicos, com o auxílio de aparatos biomédicos. Os sujeitos, portanto, demonstram que possuem agência e podem contestar os parâmetros instituídos, seja no esporte ou em outras esferas.

Frequentemente, quando nos referimos a futebol, sabemos que o privilégio frequentemente recai àquele ligado ao espetáculo, à profissionalização, à estrutura promovida e sustentada pela FIFA. É um futebol restrito a determinados parâmetros de tempo, espaço e de organização. Entretanto, cabe ressaltar a pluralidade de futebóis (DAMO, 2008) existentes no Brasil, assim como as diferentes compreensões êmicas sobre o que seria uma "jogadora profissional", as quais pode variar de uma região para outra ou até mesmo no decorrer dos diferentes contextos históricos.

O futebol de mulheres ou as mulheres no futebol trazem mais riqueza a uma área que foi durante muito tempo vista apenas a partir de um olhar androcêntrico e universal. As mulheres trazem particularidades que antes eram pouco pensadas ou ocultadas, tais como referentes às violências (físicas ou simbólicas) e a necessidade de repensar "o" futebol como produto único e uniforme. Neste sentido, concordamos que:

Os atos de desobediência às normas de gênero e sexualidade demonstram que há mulheres que não aceitam passivamente a cisheteronorma, a naturalização do ideal de maternidade e/ou o casamento como parâmetros para guiar suas vivências (KESSLER, 2020, p. 57-58).

Não é intuito deste texto realizar um retrospecto detalhado dos usos da categoria gênero, porém, podemos destacar que de uma visão essencialista e religiosa sobre o que é ser mulher na sociedade, os Estudos de Gênero têm expandido as compreensões existentes, tais como a partir das leituras construcionistas (SCOTT, 1995) ou até mesmo das pós-estruturalistas. A invisibilização ou depreciação do feminino em diversos espaços, sejam acadêmicos ou esportivos, têm sofrido com os impactos de movimentos sociais que, tal como o feminismo (nas suas mais diversas correntes), ora reivindicam igualdade ora diferenciação.

1982: A TÍMIDA PRESENÇA DAS MULHERES NO UNIVERSO DO FUTEBOL

Com o intuito de resgatar a coletânea *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira* (1982) sob um outro prisma convém relembrar que apenas três anos antes da publicação da obra fora revogado o Decreto Lei nº 3199, que proibia as mulheres de praticarem uma série de modalidades esportivas, dentre elas o futebol. Dessa forma, com a revogação:

A partir de 1979, elas podiam novamente se organizar em clubes e times para participar de campeonatos, assim o número de praticantes legais do esporte – uma vez que o veto havia sido revogado - foi aumentando ao longo das décadas. O primeiro campeonato de nível nacional de futebol praticado por mulheres no Brasil ocorreu em 1983, foi chamado de Taça Brasil de Futebol Feminino (1983-1989) e teve todas as edições vencidas pelo Esporte Clube Radar, da cidade do Rio de Janeiro (PISANI, 2012, p. 33).

Na coletânea, contudo, a reflexão sobre o lugar das mulheres brasileiras no contexto do futebol aparece de maneira bastante tímida, pouco se fala sobre a figura da mulher torcedora, por exemplo. Da mesma forma, o futebol feminino não parece figurar entre as preocupações desse primeiro debate. Quase não aparece, e quando é lembrado acaba sendo exposto de maneira equivocada: "o futebol é visto genericamente como esporte essencialmente masculino. E isto não apenas nas representações dos torcedores mas ainda na legislação que regula o esporte: o futebol feminino é proibido no país" (NEVES, 1982, p. 55).

Ainda ponderando sobre a representatividade das mulheres no contexto da obra *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira* (1982), convém resgatar que a própria palavra "mulher" aparece escrita apenas seis vezes em todo livro:

No Brasil, discutir é falar de um certo tema de modo sério. É ter que tomar um partido e não poder assumir uma atitude neutra quando se trata de um certo assunto. Assim, existem coisas, eventos e fenômenos que só podem ser discutidos. Entre eles, cito como dos mais característicos, **política** e **futebol** que, muito significativamente, não são considerados assuntos que possam ser apreciados por mulheres. De fato, no Brasil **fala-se** de dinheiro e de mulheres, mas se **discute** futebol e política. Tudo o que é sério e apaixonante, é discutido e jamais falado (DAMATTA, 1982, p. 27, grifos do autor).

Na análise de DaMatta, no artigo intitulado *Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro* (1982), está posto, por um lado, que a política e o futebol são considerados elementos sérios e que demandam discussões acaloradas. Ou seja, não há possibilidade de imparcialidades ou posturas neutras quando se trata das temáticas supracitadas. Por outro lado, a mulher e o dinheiro, eram pensados - na realidade brasileira da época - na direção oposta ao considerado "sério" e "apaixonante". Logo, sobre estes elementos não se discutiria, apenas sealaria superficialmente ou com comentários jocosos. DaMatta (1982), portanto evidencia como, no senso comum dos anos 1980, pairava a ideia de que mulher e futebol não se misturavam. Ainda nesse excerto do livro fica evidente como as mulheres eram relegadas ao plano da frivolidade, ou seja, elas pertenciam à esfera dos assuntos sobre os quais não se debateria nem mesmo teoricamente.

O texto de Simoni Lahud Guedes que integra a coletânea, e que tem como título "Subúrbio: Celeiro de Craques", resgata esse distanciamento socialmente estabelecido entre mulheres e futebol. No fragmento destacado a seguir, Guedes reflete sobre como seus interlocutores de pesquisa - jogadores de futebol do subúrbio carioca - a percebiam em campo (de futebol e da etnografia):

"Gostar de Futebol" pressupõe "entender de futebol", o que só é conseguido através da prática do jogo. Isso delimita claramente essa área como masculina porque, além de outras razões, as mulheres não podem realmente "gostar de futebol", já que a prática do futebol feminino é, pelo menos, incomum (GUEDES, 1982, p. 62).

Aparentemente, os interlocutores de Guedes não compreendiam como ela, uma mulher, poderia "gostar de futebol" ou mesmo como ela poderia "entender de futebol". É, portanto, Simoni Lahud Guedes que inaugura a reflexão sobre o lugar da mulher no futebol brasileiro. A autora apresenta as categorias êmicas de seu campo de pesquisa e nos mostra como que para seus interlocutores "gostar de futebol" implica em "entender futebol". Dessa forma, para os interlocutores de Guedes, as mulheres estariam colocadas à margem desse universo futebolístico uma vez que - supostamente - "não gostam" e, logo, "não entendem" a modalidade. Anos mais tarde, ela resgatou essa reflexão na apresentação do livro *As mulheres no universo do futebol brasileiro* (2020):

O futebol transformou-se em objeto de reflexão e pesquisa para mim desde que iniciei meu curso de mestrado no Museu Nacional,

em 1972. [...] Minha proposta de trabalho incluía a observação in loco de alguns jogos de pelada numa área em Niterói, onde resido, que envolvia jovens e adultos [...] quando me aproximei, o jogo parou e os jogadores ficaram me olhando insistentemente, até que um deles se aproximou e disse que era "perigoso" eu ficar ali, pois poderia "levar uma bolada" ou "ser machucada" por um dos jogadores em corrida. [...] Entendi o recado, pedi desculpas e passei a observar o jogo a distância, de uma janela. Depois do jogo, aproximei-me novamente e consegui marcar algumas entrevistas como alguns dos peladeiros. [...] desde aquele momento, eu percebi que eles me explicavam, cuidadosamente, cada um dos aspectos do seu jogo/brinquedo, supondo meu total desconhecimento. Eu podia fazer perguntas que, certamente, não poderiam ser feitas por um homem. Nesse sentido, descobri uma interessante vantagem de ser uma mulher realizando pesquisa sobre futebol: se o espaço me era interdito, poucas questões me eram proibidas (GUEDES, 2020, p.17).

Percebemos que Guedes aproveitou a pressuposição de seus interlocutores - os quais acreditavam que as mulheres (inclusive ela, fanática flamenguista), não sabiam sobre futebol - para poder apreender conhecimentos e explicações as quais se pressuporia que um homem já tivesse domínio. E caso não tivesse, seria, no mínimo, algo considerado estranho. A ela, raras eram as perguntas vetadas, o que lhe auxiliou no trabalho de campo.

Ainda sobre os momentos nas quais a palavra mulher é citada na coletânea *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira* (1982), pode-se identificar os seguintes trechos no texto de Arno Vogel, cujo título é *O Momento Feliz, Reflexões sobre o Futebol e o ethos nacional*:

Os valores dramatizados são, em princípio, os valores do mundo masculino. Futebol é coisa de homem, da mesma forma que automóveis, **mulheres** e jogo. A macheza é atributo essencial da personalidade masculina entre nós (VOGEL, 1982, p. 98, grifo nosso)

Fogos espocavam por toda parte. Chovia papel picado. Havia bebida à vontade, lança-perfume e **mulheres** bonitas de biquíni, desfilando em cima dos automóveis. (VOGEL, 1982, p. 111, grifo nosso)

Os dois trechos de Vogel (1982) ressaltam uma visão heterossexista, em que a mulher deveria ser desejada, cortejada e objeto da atenção de homens. Seriam as mulheres, assim como os carros e os jogos de futebol, objetos sobre os quais se falaria (para lembrarmos o argumento de DaMatta). No segundo trecho, fica evidente a associação entre bebida, droga e mulheres, elementos que estariam à disposição dos homens para seu prazer e satisfação de desejos. Em ambos os excertos, é invisibilizada a agência das mulheres, suas subjetividades, seus desejos, suas potências.

Anos mais tarde, na visão de Guedes “aos poucos, entretanto, no Brasil, o futebol vai deixando de ser apenas ‘jogo pra homem’ (jogo para homem jogar e debater, para mulher assistir à exibição das performances masculinas)” (GUEDES, 2020, p. 24). Entretanto, convém perceber que, em meio a estruturas sociais esportivas, há ainda um predomínio dos homens, de seus domínios e de seus fazeres, estando eles ainda destacados entre os postos de mais prestígio e maior remuneração. As estruturas presentes no futebol brasileiro raramente proporcionam condições que incentivam as mulheres a frequentarem seus espaços - vide as práticas misóginas, a intimidação e assédio com a qual as mulheres torcedoras precisam lidar, tal como vivido por Mandelli (2020) ao etnografar jogos da torcida do Palmeiras.

O período de latência, entre a entrada das mulheres no futebol (no início do século XX) e o seu retorno na década 1980 retrata o quanto elas precisaram lutar para evitar seu distanciamento de determinadas práticas esportivas. As práticas que eram consideradas mais violentas, tais como o futebol e lutas, não eram consideradas apropriadas às mulheres. Esse afastamento, em grande parte, se deu com base em argumentos biológicos e conhecimentos científicos tendenciosos.

Desde que o futebol foi criado, as mulheres em diferentes tempos e contextos sociais precisaram disputar poderes para nele adentrar, e ao fazê-lo desconstruíram representações que, assentadas na biologia do corpo e do sexo, justificavam o caráter exótico, espetacular e impróprio atribuído a sua prática (GOELLNER, 2021, p. 2).

Seja na produção do conhecimento acadêmico ou na estrutura do futebol espetacular, percebe-se que as desigualdades nas relações de poder influenciam na visibilização de fazeres dos sujeitos e na hierarquização de determinados corpos/sujeitos. O aumento de mulheres pesquisando e publicando sobre as práticas esportivas agrega um novo viés a áreas que ainda não apresentavam atenção à pluralidade dos sujeitos. De acordo com Guedes (2020, p. 23), “entre esses territórios que precisam ser conquistados, está, com certeza, a possibilidade de mulheres realizarem pesquisas sobre futebol”.

2020: AS MULHERES NO UNIVERSO DO FUTEBOL BRASILEIRO

O título da coletânea *As mulheres no Universo do Futebol Brasileiro* faz referência à obra organizada nos anos 1980 por Damatta. Diferentemente da obra de DaMatta (1982), a obra de 2020 conta com a organização de três mulheres e possui 18 capítulos produzidos por 24 autores e autoras que abordam o futebol a partir de diversas áreas do conhecimento, tais como Antropologia, Comunicação Social, Educação, Educação Física, História e Psicologia. A proporção de participação também se inverte, havendo a autoria majoritária de 18 mulheres e de seis homens.

A obra foi dividida em três seções sendo que a primeira seção é intitulada *Gênero e práticas de resistência* e reúne sete textos. A segunda seção tem como título *Nos rastros da profissionalização*; traz quatro artigos e uma entrevista. A terceira seção trata sobre *As mulheres na história e na produção acadêmica*, apresenta seis textos que abordam a invisibilização antes existente em relação às mulheres que praticam o futebol e trazem análises sobre a produção acadêmica brasileira - Dissertações, Teses e Artigos Científicos - que versam a modalidade de uma perspectiva do Gênero (enquanto categoria analítica e teórica).

[...] se agora começam a se abrir alguns caminhos, eles foram conquistados pelas próprias mulheres, lutando bravamente, com unhas e dentes, o que representou não só a criação de times de futebol feminino, mas também a conquista de espaços ligados ao futebol em diversas funções. Temos hoje árbitras, comentaristas, narradoras, técnicas, que se somam a fisioterapeutas, assistentes sociais, psicólogas já incorporadas anteriormente ao corpo de especialistas que atende ao futebol profissional (GUEDES, 2020, p. 21).

A coletânea de 2020 traz autorias clássicas para os estudos sobre as mulheres no futebol. O texto *Futebol é coisa para macho?*, do historiador Fábio Franzini, originalmente publicado no ano de 2005 no formato de artigo na Revista Brasileiro de História foi reeditado e publicado na obra em questão. Da mesma forma, o livro traz um texto inédito de Silvana Goellner, que assim como Franzini, escreveu um artigo que é referência para os estudos relacionados com as mulheres no futebol, a partir de uma perspectiva historiográfica (GOELLNER, 2005). Já na obra de 2020, Goellner escreve sobre o *Programa Futebol e Mulheres*, onde reivindica a valorização e preservação da memória futebolística de mulheres jogadoras.

A proposta da obra *As mulheres no Universo do Futebol Brasileiro (2020)* é proporcionar novas análises do universo futebolístico brasileiro de uma perspectiva que considere os fazeres das mulheres. Dessa forma, portanto, as mulheres são o carro chefe da obra. Seja da perspectiva analítica e etnográfica - fala-se sobre jogadoras, árbitras, jornalistas, treinadoras, torcedoras, dirigentes - seja da perspectiva de quem produz o conhecimento. Ainda nesse sentido, a categoria gênero aparece como central na maioria dos textos que integram a coletânea. Nas palavras de Pisani (2020):

A inclusão da categoria gênero - assim como as categorias de raça e sexualidade - modifica os estudos das práticas esportivas em direção a um enfoque interdisciplinar que culmina na inclusão de noções de poder, corpo e sociabilidades (PISANI, 2020, p. 351).

A obra, portanto, contribui significativamente com novas possibilidades de análise a respeito do futebol brasileiro. Mostrando que mulheres não apenas "gostam de futebol", mas "entendem", participam de diferentes formas desse universo e ainda escrevem - de uma perspectiva teórica e acadêmica - sobre ele.

É preciso destacar que foi a partir dos avanços e da consolidação desse campo de pesquisa - mulheres e futebol - que outras possibilidades e agendas de estudos surgem como, por exemplo, os impactos que a presença de pessoas LGBTQIA+ proporcionam às práticas futebolísticas. Ou seja, como esses novos(as) atores(as) modificam as noções de poder e de corpo no futebol, proporcionando novas formas de sociabilidade (PISANI, PINTO, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso objetivo neste artigo foi traçar alguns caminhos que podem ser percorridos para que existam novas possibilidades de contar e/ou recontar o universo do futebol brasileiro. Nossa proposta, portanto, foi redesenhar esse universo a partir da perspectiva das mulheres e de seus fazeres. Para sustentar a argumentação nos ancoramos na discussão pós-estruturalista dos Estudos de Gênero.

Foi possível perceber que a única mulher presente na obra organizada por DaMatta, seguiu sendo forte influência para as pesquisas relacionadas ao futebol. Guedes (2020) retrata que, embora havendo barreiras para a entrada de mulheres em algumas esferas, depois de ultrapassadas, pode-se incentivar que outras se espelhem nesse exemplo.

Tendo em vista as noções de gênero, feminilidade e mulher, podemos perceber que as estruturas androcêntricas, seja na academia ou nos espaços esportivos, tais como os campos de futebol, começaram a ser contestadas a partir dos anos 1970. Mais especificamente a partir de 1990, com os avanços relacionados aos entendimentos sobre gênero, percebe-se que o questionamento do discurso hegemônico e heterocentrado fornece mais espaço aos fazeres de agentes sociais antes invisibilizados.

Desde 1982, até o presente momento, o número de produções acadêmicas sobre futebol e feitas por mulheres também cresceu (MATTOS DANTAS, AGUIAR DOS ANJOS, 2020; PISANI, 2020). A coletânea *As mulheres no universo do futebol brasileiro*, é prova da consolidação desse campo de pesquisa, bem como expressa a persistência e permanência delas.

Passaram-se 40 anos desde que a obra *O Universo do Futebol* foi lançada no Brasil. Desde então, as mulheres - de diferentes classes sociais, sexualidades, origens étnico-raciais, idades - adentram esse universo para atuar das mais variadas formas. Atualmente, no futebol brasileiro, contamos com a presença ativa de mulheres atuando em diferentes áreas. Algumas são jogadoras, outras torcedoras, existem as que participam como árbitras, têm aquelas ainda que atuam como jornalistas, como integrantes de comissões técnicas e dirigência de equipes. Por fim, temos as acadêmicas que estudam e escrevem sobre a

modalidade de uma perspectiva teórica e científica. Todas elas constituem *corpos celestes* - com suas próprias complexidades e distinções - que gravitam e compõem este universo do futebol brasileiro.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem a Leda Maria Costa pela amizade de longa data e também pela parceria na organização conjunta da obra *As mulheres no universo do futebol brasileiro*, publicada em 2020; bem como as autoras e autores que contribuíram com seus textos e reflexões na referida obra. As autoras agradecem também aos/às pareceristas que auxiliaram a qualificar este artigo e aos/às leitores(as) que queiram conhecer mais sobre a Antropologia dos Esportes.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

As autoras não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Mariane da Silva Pisani - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Claudia Samuel Kessler - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica

(responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. El fútbol y el deporte como política: la Fundacion Simoni. In: CAMARGO, Wagner Xavier; PISANI, Mariane da Silva; ROJO, Luiz Fernando (Orgs.). *Vinte anos de diálogos: os esportes na Antropologia brasileira*. Curitiba e Brasília: Brazil Publishing e ABA Publicações, 2021.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: HUCITEC, 2008. p. 359.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

GUEDES, Simoni Lahud. Prefácio. In: KESSLER, Cláudia S.; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva (Orgs.). *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2. p. 143-151, abr./jun. 2005.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. *Movimento*, v. 27, e27001, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>. Acesso em: 30 jun. 2021.

JAEGER, Angelita A.; GOELLNER, Silvana V. O músculo estraga a mulher? a produção de feminilidades no fisiculturismo. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 3, p. 955-975, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000300016>. Acesso em: 30 jun. 2021.

KESSLER, Cláudia S. "São tudo sapatão": Lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal brasileiro. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 7, n. 3, p. 45-62, set./dez. 2020.

KESSLER, Cláudia S.; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva. *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LESSA, Patrícia; VOTRE, Sebastião Josué. Carteira Rosa: A tecnofabricação dos corpos sexuados nos testes de feminilidade na Olimpíada de 1968. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 35, n.2, p. 263-279, 2013.

MANDELLI, Mariana. O futebol odeia as mulheres: notas sobre o machismo e a pesquisa de campo. *Ludopédio*, São Paulo, v. 136, n. 44, out. 2020.

DANTAS, Marina Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar dos. Futebol e mulheres no Brasil: apontamentos sobre a produção acadêmica a partir de teses e dissertações (1980-2016). In: KESSLER, Cláudia S.; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva (Orgs.). *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. Na zona do agrião, algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

PACHECO, Leonardo Turchi; PISANI, Mariane da Silva. *Simoni Lahud Guedes: notas sobre a "Matriarca" da Antropologia dos Esportes no Brasil*. In: *Novos Olhares Sociais*, UFRB, v. 3, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/498>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PISANI, Mariane; PINTO, Maurício Rodrigues. "Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, e79331, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279331>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PISANI, Mariane da Silva. *Gênero: um conceito útil para a análise esportiva e futebolística*. In: KESSLER, Cláudia S.; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva (Orgs.). *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

PISANI, Mariane da Silva. Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, n. 5, p. 17-44, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309#:~:text=Resumo,rela%C3%A7%C3%B5es%20de%20g%C3%AAnero%20na%20sociedade>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ROJO, Luiz Fernando. SIMONI GUEDES: uma trajetória na Antropologia dos Esportes. *Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia*, n. 46, p. 272-289, out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2019.0i46.a42065>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 30 jun. 2021.

TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo (Orgs.). *Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

VIEIRA, Talita Machado; RODRIGUES, Joyce Cristina. Fora de jogo? Futebol, mulheres e pandemia. *Revista Espaço Acadêmico*, v.20, p. 112-122, fev. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/57145>. Acesso em: 30 jun. 2021.

VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

Recebido em: 29 nov. 2021

Aprovado em: 21 abr. 2022

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista *Conexões* é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

